

Produção orgânica: também socialmente excludente

Luiz Renato D'Agostini

CCA/ENR/UFSC – CP 476 – 0xx483315429 – dagostin@mbox1.ufsc.br

Resumo

Possibilidades encerradas na “produção orgânica” são discutidas à luz de relações sociais imersas e legitimadas num capitalismo hegemônico. Mais do que a serviço das sãs intenções de mudança presentes em muitos que discursam e especialmente em quem ouve e quer compreender, as mais ricas possibilidades na “produção orgânica” também revelam-se reais oportunidades a sustentação do status quo, coerentemente com a insustentável leveza de muitos discursos do sustentável.

Summary: *Possibilities embodied in the "organic production" are discussed under the light of social relationships immersed and legitimized in an hegemonic capitalism. More than serving good intentions for changes present in many of those who speech and especially in those who listen and want understand, the richest possibilities in the "organic production" are also revealed as real opportunities for sustaining the status quo, coherent to the unbearable lightness of many speeches of the sustainable.*

Introdução

A evolução de uma sonora e rica linguagem, que foi possível numa única espécie, foi determinante à distinção do *Homo sapiens sapiens* entre todos os primatas. E às possibilidades do humano gerar humanidade, a linguagem em permanente evolução ainda é, ao mesmo tempo, o mais poderoso instrumento e a maior de todas as ameaças: a insustentável leveza de discursos do *sustentável*; a lógica mercadológica subjacente ao pensar de ciosos promotores do discurso da *produção agroecológica*; a fragilidade epistemológica ou mesmo a falta de disciplina no discurso da *interdisciplinaridade*; e o discurso que materializa a noção de *ambiente* em componentes do meio de onde ambiente pode emergir, constituem-se, entre outros sofisticos produtos da sofisticação da linguagem, reais dificuldades às possibilidades nas sãs intenções de tantos que discursam com facilidade. E é ingenuidade acreditar que a pretexto da honestidade e da boa intenção presentes em quem discursa, os prejuízos em decorrência de um discurso confuso possam ser menores do que aqueles produzidos pela intenção condenável. Para o discurso da “produção orgânica” não poderia ser diferente.

“Produção Orgânica”: possibilidades num discurso

Virtualmente todos aprovam iniciativas que para a maioria possam parecer sempre adequadas à promoção de relações socialmente saudáveis: é natural, animal e especialmente humano o anseio de sustentação e fortalecimento do tecido social. Todavia, nem em todas as boas iniciativas humanas logra-se obter só resultados socialmente desejáveis: uma permanente ameaça à possibilidade do humano gerar Humanidade. Na “produção orgânica”, as mais ricas possibilidades têm sido principalmente apontadas em poucos e óbvios argumentos: *alimentos saudáveis; redução da poluição; menor produção de entropia; e maior valor monetário do produto*. E com isso todos concordam. O primeiro argumento remete ao critério *sanitário*, o segundo e terceiro ao critério *conservacionista*, e o quarto ao critério *econômico*. Todos critérios relevantes para humanos igualmente interessados na “produção orgânica”, mas com prioridades comumente diversas para os distintos critérios que nutrem o interesse.

A relevância e a prioridade: o fator humano

Uma ciência ingênua tem priorizado como objeto de investigação o aspecto importante à luz dos fatos a partir dos quais o conhecimento se orienta, em detrimento da investigação em relações cuja importância decorre de prioridades orientadas por vontades. Mas, definitivamente, o ser humano não é movido apenas – e talvez nem mesmo principalmente – por necessidades objetivas ou por aquilo que a ciência pode objetivamente explicar. Mais do que pelo conhecimento sustentado em fatos, somos todos movidos por vontades alimentadas por nossos valores. Não se poder objetivamente predizer vontades ou preferências humanas pode ser um fato que precisemos aceitar. Mas tanto quanto em descrever, explicar e prever de forma precisa, o valor de uma boa ciência pode estar na superação de problemas num mundo de vontades que não podemos precisar. E pensar que a (re)valorização da produção orgânica é produto de conhecimento novo seria desconhecer uma realidade social, não compreender as relações humanas que a engendram e, em especial, negar o complexo sistema de interesses que provocam o (re)despertar para essa produção orgânica.

O produto, o processo e as oportunidades

Muitos, e especialmente uns poucos consumidores socialmente privilegiados, vêem na produção orgânica uma rica oportunidade de satisfação a partir das características intrínsecas do produto e de particularidades do processo produtivo. E duas são as mais ricas possibilidades ao “produtor orgânico”: a oportunidade de assegurar rentabilidade adequada a sua atividade, e a segurança e satisfação de produzir de forma ecologicamente desejável. Mas, reconheça-se, a maioria que produz ainda é movida sobretudo pelo valor monetário atribuído ao produto orgânico. Assim, o consumo e a produção orgânica respectivamente orientam-se principalmente pela qualidade do produto que poucos podem adquirir, e pelo preço que satisfaz quem já o produz.

As relações preço-quantidade não são revogáveis entre *homo economicus*; e entre esses, muito menos pelo *homo academicus*. Uma eventual maior produção pode, assim, reduzir os preços do produto orgânico. Reduções nos preços hoje elevados podem (re)incluir interessados em consumir o melhor, mas não podem ou não devem ser suficientes à (re)inclusão dos muitos já excluídos e que há muito não consomem nem mesmo o suficiente, pois levaria a uma concorrência que também implicaria tornar financeiramente *desinteressante* uma opção produtiva que permite a alguns resistirem produzindo. Claro que se pode a isso objetar dizendo que estaria havendo uma subvalorização das possibilidades encerradas na segurança e na satisfação de produzir o produto orgânico: a redução no preço de uma produção crescente seria compensada pelo prazer e segurança de produzir o melhor. Enfim, a perda de rentabilidade em atividades humanas não anula a condição Humana necessariamente presente na geração de Humanidade. Certamente. Assim como o desconforto relativo na substituição do automóvel pelo transporte coletivo pode(ria) ser compensado pelo *prazer* de estar poluindo menos o ar.

Apontar o socialmente ideal, sem reconhecer a necessidade de superar a ideologia hegemônica do ideal no direito individual, que orienta a sociedade ocidental, é apenas um discurso que capitaliza oportunidades em um mundo real – e portanto não-ideal. E o ideal só pode ser operacionalizado dentro do real. O real

certamente pode ser mudado. Mas, para tanto, muito mais do que de ações técnicas complicadas que humanos saberiam implementar, as possibilidades comumente pressupostas na produção orgânica dependem de ações Humanas que assegurem adequada significação ao que é tecnicamente fácil compreender: um exercício de transição entre saber muito e saber melhor. Em outras palavras, tanto ou mais do que compreender a dinâmica de processos dos quais resultam produtos interessantes, necessitamos compreender e principalmente Humanizar a dinâmica de interesses sobre esses processos e produtos.

Ainda somos uma sociedade em evolução e que resulta da expressão de muitos indivíduos humanos com razão, ao invés de seres com significação a partir de uma Humanidade racional. E a produção orgânica não pode ser tomada como uma condição ou possibilidade à evolução de muitos indivíduos humanos para uma só Humanidade – se é que esse ideal pode ser alcançado. É essa passagem, ainda por ser consumada, que é condição às possibilidades idealizáveis não apenas na produção orgânica, mas também pela efetiva priorização de investimentos em saúde e educação, no socorro ao povo do Continente Africano, no sonho de Luther King, no de Marx...

A noção de acessibilidade e o produto orgânico

Não há como assegurar mais coisas interessantes para alguns poucos viverem ainda melhor, sem que fique cada vez mais difícil assegurar o suficiente para muitos sobreviverem: é o que resulta imposto pelas relações naturais que levaram aos diversos enunciados do Segundo Princípio da termodinâmica. Como bem aponta Georgescu-Roegen (1977), não há como alguns disporem mais do bom sem que fique sempre mais difícil acessar o necessário para todos. E é ainda mais penoso conviver com o que nos impõe o Segundo Princípio, quando 'àquelas relações naturais associam-se ou mesmo identificam-se as que orientam as relações econômicas num livre-mercado' em que a produção orgânica ainda encontra-se imersa. Aos interesses daqueles que hoje (ainda) efetivamente viabilizam a produção orgânica, isto é, aos interesses de quem pode consumir produtos melhores do que aqueles que muitos ainda consomem, é de todo

interessante que o produto orgânico seja sempre de preço muito elevado – é uma garantia de oferta de produto bom e muito caro para os outros: assim como não há fila para os passageiros de primeira classe, não haverá falta de produto de primeira.

Certamente que um preço elevado para o produto também é uma preciosa oportunidade para quem produz. Mas, sublinhe-se, mesmo para produtos orgânicos, a produção de alimentos por um único produtor é equivalente à demanda de vários consumidores. E como consumidores que se caracterizam mais pelo poder financeiro do que pelas necessidades básicas são sempre relativamente poucos, só muito poucos pequenos produtores podem viver aquela preciosa oportunidade. Está excluída, assim, uma eventual expectativa de que a produção orgânica num livre-mercado possa constituir-se em fator de distribuição de renda ou de justiça social – admitindo que isso fosse um desejo real.

Ainda que poucos, os produtores que passam a produzir o que sem dúvida é melhor e o que poucos podem consumir, efetivamente são agricultores que deixam de produzir o que é menos bom e acessível a muitos. E na medida que produzir o melhor possa implicar produzir em menor quantidade (e não concordar com isso é só pretender limitar a mensagem contida no Segundo Princípio ao que tratam livros de introdução à físico-química), pode-se valorizar o fato de mais pessoas serem demandadas no processo produtivo. O que é muito bom, pelo menos por um lado, pois significa mais gente engajada em um processo ecologicamente mais desejável. Mas, por outro lado, na medida que os ideais presentes nesse processo produtivo não possam superar as reais e duras “leis” do mercado em que se inserem – um elevado preço é sempre desejável entre os que se distinguem pela capacidade de pagar –, essa transferência de mão-de-obra resulta em mais uma possibilidade de que alguns poucos tenham ainda mais do bom, e de que muitos tenham ainda menos daquilo que ainda poderiam ter. E não seria para poucos que se defende o acesso às ricas possibilidades na produção orgânica, e seria ainda menos para reduzir qualquer tipo de acesso.

Restariam, ainda, para compensar possíveis dificuldades decorrentes das relações de mercado, as vantagens inerentes a uma crescente satisfação com o

“*como se produz*”. Os pequenos produtores receberiam menos pelos seus ricos produtos, mas muitos “pequenos consumidores” também viveriam as ricas vantagens encerradas numa produção orgânica. E essa satisfação “não há dinheiro que pague”.

Todavia, uma dura realidade recomenda cautela no *otimismo contido* no último parágrafo. Não pela impossibilidade de pequenos produtores terem a grandeza de um dia virem a produzir melhor e vender mais barato, mas em decorrência da presença da lógica mercadológica subjacente a um discurso comumente pretendido em oposição às “leis do mercado”. Haverá sempre a possibilidade de agregar valor ao produto para garantir rentabilidade. Valor que, note-se, em decorrência da lógica de mercado subjacente, normalmente é reduzido a *preço*. Agregação de valor ao produto tem significado, não raramente, acondicioná-lo numa embalagem que o torna ainda menos acessível a muitos. E um elevado VALOR ATRIBUÍDO ao produto orgânico é toda a ajuda que o consumidor privilegiado necessita do conhecimento sistematizado para sempre dispor de um produto com VALOR INTRÍNSECO elevado (e certificado!). E isso não pode(ria) estar totalmente de acordo com os valores daqueles que discursam na promoção da produção orgânica. Mas está totalmente de acordo com os legitimados interesses daqueles consumidores de maior renda que sequer precisam eles mesmos discursar – acadêmicos e políticos passaram, sem querer, a fazê-lo por eles. O “capitalismo selvagem” agradece.

A produção orgânica e o sistema de interesses

Mais do que a um conjunto de técnicas e procedimentos interessantes inspirados em conhecimento, a produção agrícola – incluída a orgânica – remete a um complexo sistema de interesses orientados por valores, sendo que o poder presente nesses interesses tem sido muito desigual. Já não cabe a crença da suficiência técnica de compreender e promover intrincados procedimentos técnicos para solucionar complexos problemas humanos

Interesses diversos não implicam sempre interesses menos legítimos, e muito menos falta de critérios na percepção de interessados. O que há são

diferenças na ordem de prioridade entre os mesmos critérios relevantes em uma mesma questão. Identificar critérios importantes sobre uma questão é quase sempre muito fácil. Menos fácil é reconhecer legitimidade e respeitar divergências de priorização entre critérios. Ainda menos fácil, ou mesmo difícil, é compatibilizar as legítimas diferenças de priorização de critérios, diferenças essas que muitas vezes são tudo o que distingue interesses igualmente legítimos ou simplesmente legitimados. E a ação concreta, ou seja, aquilo que efetivamente ocorre por intervenção humana, não resulta em decorrência da manifestação de um critério pressupostamente de maior relevância, e sim em decorrência do mais convincente argumento a serviço de qualquer que seja o critério que é expressado – ou deveríamos pretender fundamentar a legitimação de alianças e de matanças em guerras promovidas pelo mundo "mais civilizado"? Uma eventual satisfação coletiva não resulta porque todos os aspectos relevantes no entendimento de entendidos estariam satisfatoriamente atendidos, mas sim porque as prioridades dos distintos interessados resultam minimamente satisfeitas.

Poderia-se afirmar, ainda, que à luz dos "princípios" da confiança e da solidariedade, que orientam a produção orgânica, todos os legítimos interesses resultariam compatíveis entre si e coincidentes em priorizar os critérios relevantes...

Sobre o "princípio" da confiança: seria a mesma confiança do consumidor "de bem" que demanda a certificação do produto produzido pelo ser em desenvolvimento?

Do "princípio" da solidariedade: "Generosidade... ...verdadeiramente generosa desde que vá além do interesse, ainda que bem compreendido, ainda que partilhado – logo, contando que vá além da solidariedade!" (Comte-Sponville, 1998). Mas, admitamos, pelo menos num primeiro momento, suficiência de significação pretendida à solidariedade, isto é, signifique solidariedade o que pretendem os ávidos por revelações: generosidade, amor ao próximo. E então, seria mesmo desprovido de razão pretender negar manifestações de altruística solidariedade por parte de seres Humanos: desde aquele que há milênios nos propôs "repartir o pão", e entre outros menos fácil de lembrar, Gandhi com todos

os indianos, Madre Teresa com os indianos mais pobres, Irmã Dulce com outros pobres, soldados norte-americanos com o pobre povo Afegão, (aparentemente) quase todos com os novaiorquinos, os banqueiros com os Argentinos ... (mas não divaguemos!) ...dos subsidiados agricultores do mundo rico e “desenvolvido” com os subsistentes agricultores sul-americanos e, finalmente, quiçá, dos pequenos dentre esses últimos com alguns ávidos consumidores de bons produtos certificados.

Ora, mas ainda não seria a solidariedade Humana (a virtude pressuposta) que emerge a partir de práticas humanas pretendidas em especial na produção orgânica, mas sim a emergência da rica propriedade Humana (solidariedade pressuposta generosa) que permite praticá-la em qualquer relação entre humanos.

“Solidariedade... ...demasiado interessada ou demasiado ilusória para ser uma virtude. Nada mais é que egoísmo bem entendido ou generosidade mal entendida. ...Não é de solidariedade que a África ou a América do Sul necessitam, mas de justiça e de generosidade!. ...e a generosidade só é uma virtude tão grande e tão gabada porque é muito fraca em cada um, porque o egoísmo é mais forte sempre, porque a generosidade só brilha, na maioria das vezes, por sua ausência...” (Comte-Sponville, 1998).

Não precisamos concordar com Comte-Sponville. E muito menos com uma improvável manifestação de alguém que pudesse ser contra a produção orgânica. Mesmo porque, um outro importante argumento a favor é a segurança alimentar possível através da produção orgânica. Mas note-se que essa segurança alimentar sempre será mais uma demanda daqueles que consomem o melhor do que daqueles que podem eles mesmos e generosamente produzirem.

Produção orgânica: o vivo, a vida e o viver

Descrever ou mesmo compreender intrincadas relações bio-físico-químicas que distinguem a produção orgânica do processo de produção convencional é da maior relevância, mas ainda não é compreender as complexas relações humanas que a investem de significação; e muito menos seria compreender as relações de poder na apropriação das melhores possibilidades encerradas na produção

orgânica. Enfim, saber tudo do código genético e da fisiologia do corpo humano ainda não será compreender o ser humano; e será ainda menos uma garantia de que todos se beneficiem desse conhecimento. O processo do qual resulta um determinado produto não se revela importante porque alguém logra compreendê-lo. Pelo contrário: o interesse no resultado é que investe de significação a possibilidade de compreender o processo. A produção orgânica não emerge com importância a partir de demandas da vida, mas sim do viver.

Vida: propriedade emergente; produto de relações entre não vivos.

Vivo: estado, notável manifestação de uma propriedade.

Viver: exercícios na evolução de uma propriedade.

Vivo é, no máximo, desperto para os sentidos. Viver é um contínuo querer despertar com sentido, e ainda mais assegurar sentido a cada despertar. Reduzir a mensagem encerrada na produção orgânica à dinâmica de processos e suas implicações à vida ou aos componentes de um ecossistema é quase reduzir a condição de ser consciente ao estado de ser vivo, que lhe é condição.

Mas ao contrário do que pretendem os que não param de crescer, no mundo da vida só os que são muito pequenos sempre sobrevivem. Uma grande questão é saber se o pequeno realmente vive ou se de fato só sobrevive. Frente ao mundo microbiano, por exemplo, os dinossauros e os mamutes foram ou mesmo são “vivas” manifestações da efemeridade de *gigantes* na história da vida. Mas infelizmente essa é uma história que as resistentes, diminutas e sempre presentes bactérias jamais poderão compreender ou contar. Talvez numa HUMANIDADE não devesse ter pequenos, e nem grandes. Mas esta é a grande questão. E não compreender que a produção orgânica, na lógica de mercado na qual está imersa, encerra uma possibilidade de mais privilégios no viver de alguns poucos, é estar do lado da vida, que só precisa subsistir, em detrimento de muitos viventes (quase) conscientes, que querem viver.

O produto orgânico é intrinsecamente rico e, logo, de todo para todos desejável. Assim, a produção orgânica goza da aprovação de virtualmente todos os viventes. Mas praticamente só alguns mais vivos têm gozado das ricas possibilidades na produção orgânica. Apontar dificuldades certamente não é

superar obstáculos em um caminhar que tem sido favorável aos maiores, mas pode ser condição à construção de um caminho através do qual “pequenos” também possam continuar a andar. Simplesmente continuar a andar também não é alcançar os objetivos que nos levam a caminhar e valorizar possibilidades a partir da produção orgânica. Certamente. Mas estão excluídas as possibilidades de produzir justiça social através de um discurso fácil. Mas, enfim, num mundo em que *capital* (*capitale*: relativo à cabeça, essencial, principal) foi progressivamente assimilado à posse material, já não causam surpresa discursos em que o próprio autor possa não perceber todas as relações *capitais* que o inspiram.

Juntos no discurso da produção orgânica, um mundo de socialistas por convicção, mas também, reconheça-se, uma larga predominância de capitalistas no *modus faciendi*. Há mais sabedores de como criar fatos para *capitalizar* ganhos e continuar a discursar obviedades, do que sabedoria de fato sobre as reais possibilidades em torno do que se discursa.

Compreender o complexo sistema de relações que possibilitam, promovem ou limitam processos produtivos de interesse humano vai muito além de compreender interessantes ou mesmo pressupostamente sempre importantes relações entre concretos componentes do meio. A ausência de concretude nos componentes do sistema de interesses que inspira o conceito de Agroecossistemas não torna esses componentes menos reais do que aqueles fundamentais componentes do meio, e muito menos os torna com menor importância.

Referências bibliográficas

- Georgescu-Roegen, N. The steady state and ecological salvation: a thermodynamic analysis. *BioScience*, v.27(4), 1977
- Comte-Sponville, A. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo, Martins Fontes, 1998, 392p. Cap. 7.